
**JORGE, Lília. *Misericórdia*. Lisboa:
Dom Quixote, 2022. ISBN: 978-972-20-7571-8**

Mauro Dunder

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Doi

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.n49a722>

A orientação é clara e dada na primeira página do texto: “(...) exorta-se a que deixe sobre estes portais quaisquer sinais de melancolia ou tristeza (...)” (JORGE, 2022, p. 5). O pedido, dirigido aos visitantes do Hotel Paraíso, na fictícia (porém já conhecida pelos leitores, cidade de Valmares), pode perfeitamente aplicar-se também ao leitor, ele próprio um “visitante” do universo ficcional criado, desde 1980, por Lília Jorge. *Misericórdia*, ainda que seja um livro sobre a velhice, não é um romance sobre a morte; sobretudo, é uma obra que discute as possibilidades de vida em um momento ao qual estamos acostumados a associar à decadência e ao fim: sobre as personagens, diz a autora que criou “pessoas que amam, que desejam, que recordam, com uma vitalidade completa”. Em entrevista ao *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, declara ainda que ficou muito impressionada com “a forma corajosa, determinada e sábia como a minha mãe encarou os últimos anos da sua vida” (JORGE, 2022, p. 8)

O romance, publicado em 2022 pela D. Quixote, atende a um apelo de sua mãe, que lhe pediu repetidas vezes para que escrevesse um livro com este título, “pois queria que os valores da empatia e da compaixão sobressaíssem mesmo quando uma pessoa se encontra no fim da vida” (DUARTE, 2022, p. 8). Apesar desse pressuposto estritamente pessoal e subjetivo, a narrativa de *Misericórdia* não deve ser lida como uma obra em que uma filha se despede de sua mãe, por dois motivos, basicamente: o primeiro, e mais importante, é que a obra convoca uma série de estratégias ficcionais, utilizadas com a costumeira maestria por Lídia Jorge, resultando em um romance intrincado, no qual conto, crônica, poesia e narrativa autobiográfica constituem um tecido denso e sem pontas soltas; o segundo, como já se disse, é que *Misericórdia* é, antes de mais nada, nas palavras da autora, “uma espécie de triunfo contra a morte e o apagamento” (JORGE, 2022, p. 9). Nas palavras de Miguel Real, “pode-se dizer ser *Misericórdia* o grande romance português sobre a velhice e a vida nos lares de idosos (...)” (REAL, 2022, p. 10).

Ao longo das 419 páginas que compõem a primeira parte de *Misericórdia*, o leitor entra em contato com o universo em que habita Maria Alberta Nunes Amado, Dona Alberti, ali internada (em “exílio”, palavra usada por ela mesma) por sua decisão – e essa talvez seja a primeira grande surpresa para alguns dos leitores, uma vez que essa imagem desconstrói o estereótipo do idoso sem vontade própria. Por meio de uma técnica já utilizada em outros romances – como *O Jardim Sem Limites* e *Os Memoráveis* –, a narração é feita em primeira pessoa, ainda que seja caracterizada, em um preâmbulo, como a transcrição das palavras da personagem principal. Assim, em um jogo metanarrativo, tomam forma escrita as gravações em áudio feitas por Alberti ao longo de aproximadamente um ano.

Uma das principais características narrativas – e talvez uma das maiores qualidades do romance – é o entrelaçamento coerente que se dá entre a história de Maria Alberta e os eventos que acontecem no plano geral, no mundo que continua a girar fora dos muros do Hotel Paraíso. Procedimento estrutural marcante em toda a obra de Lúcia Jorge, a construção de uma narrativa, de início, pessoal acaba por trazer e colocar em discussão questões gerais, não apenas a respeito do tempo histórico em que se passa a obra – Lúcia Jorge é, sabidamente, uma “cronista do tempo que passa” –, mas também sobre a própria natureza humana. Em *Misericórdia*, é muito bem conseguida a junção entre a narração do último ano de vida de Alberti, o panorama pré-pandemia de COVID-19 e questões de cariz, digamos, mais filosóficos, como sobre o sentido da vida na terceira idade, a proximidade inexorável da morte e o desconhecimento que a maior parte das pessoas têm sobre como pensam, sentem e agem as pessoas mais velhas.

Cercada de personagens que constituem um grande painel das relações humanas, em uma espécie de microcosmo de uma sociedade, Dona Alberti dá a ver ao leitor toda uma dinâmica de opiniões, desejos, receios, planos para o futuro (ainda que assombrados pela presença inevitável da morte em um lar para idosos), expectativas e frustrações, exatamente como acontece com qualquer outra pessoa, em qualquer outra fase da vida – guardadas as peculiaridades de cada etapa. Ainda que tenham de ser, quase todas, empurradas em cadeiras de roda, as personagens movem-se, observam, refletem e fazem comentários que demonstram toda a vivacidade de quem, por muito já ter vivido, desenvolve uma intuição mais aguda sobre o que pode estar por vir, sem que, no entanto, sejam caracterizadas pela narradora como “oráculos”, ou “sábios”.

Uma das personagens que mais chamam atenção, seja por sua presença constante perto de Dona Alberti, seja pelo comportamen-

to cheio de vigor e vivacidade, é Dona Joaninha, a qual, do alto de sua idade, sente de forma bastante intensa os impulsos do desejo sexual por alguns dos (poucos) homens que habitam o Hotel. Nesse sentido, cabe uma reflexão: a sexualidade vivenciada por pessoas mais velhas talvez seja um dos maiores tabus entre as pessoas, principalmente nas sociedades ocidentais. Assim, mais uma vez, Lídia Jorge estabelece, dentro da trama de um romance, uma discussão que confronta normas sociais e morais, despertando o leitor para uma crítica de suas próprias crenças. Afinal, é bastante bem estabelecido o estereótipo da pessoa de idade avançada que se vê despida de qualquer forma de estímulo – em uma negação daquilo que, desde Freud, conhecemos como “pulsão de vida”. Afinal, se Dona Joaninha manifesta o desejo sexual por alguns dos seus colegas de hotel, eles, por sua vez, não se furtam a corresponder às investidas da idosa.

Nesse sentido, também chama atenção o primoroso trabalho que Lídia Jorge faz, no que diz respeito à construção das personagens e à dinâmica que se estabelece entre elas. Com algumas poucas exceções, o foco da narrativa recai sobre as pessoas idosas, que, ao contrário do que poderia ter acontecido, não se limitam ao estereótipo de quem esteja no fim da vida, “esperando a morte chegar”, como cantou Raul Seixas. São personagens complexas, que apresentam nuances de comportamento, ambiguidades, dúvidas e angústias inerentes à própria condição humana, independentemente da idade que têm. Os idosos de *Misericórdia* não enxergam a proximidade do fim da vida – lembrada várias vezes pelas mortes naturais que acontecem ao longo da narrativa – como uma sentença paralisante, mas como mais uma circunstância com a qual todos temos de lidar um dia.

Outro aspecto importante em *Misericórdia* – esse, inegavelmente, da esfera biográfica da autora – é a relação que Alberti mantém com

a filha, no que diz respeito a sua profissão (a filha de Dona Alberti é escritora e viaja o mundo falando sobre seus livros). Aqui, é necessário fazer uma observação: ainda que, como Lídia Jorge, a filha da protagonista seja escritora, a maneira como essa situação é tratada ao longo dos capítulos em que essa filha aparece encaixa-se perfeitamente no fluxo narrativo da obra, sem que, apesar de emocionais, as cenas sejam excessivamente pessoais, ou interfiram no processo de verossimilhança da construção ficcional. Lídia Jorge conseguiu, de maneira exemplar, construir diálogos consistentes e absolutamente verossímeis e coerentes com a personalidade rica e cheia de nuances de Dona Alberti. Se Dona Maria dos Remédios, mãe de Lídia Jorge, pensava como a protagonista de *Misericórdia* ou não, é indiferente ao leitor diante das conversas entre mãe e filha registradas no gravador de Maria Alberta. Não se trata, portanto, de mera transmutação para a ficção daquilo que teria sido vivida pela autora, mas da mais autêntica e eficaz construção ficcional. Em tempo: deixo ao leitor a descoberta sobre como Dona Alberti vê os livros da filha e o que lhe diz a respeito.

Como já se espera em um romance de Lídia Jorge, há também espaço para discussões de caráter social; no caso de *Misericórdia*, a relação que se estabelece entre Alberti e as cuidadoras e cuidadores que trabalham no Hotel Paraíso enseja uma reflexão sobre as condições de trabalho desses profissionais – ainda que isso se dê de maneira leve e dissipada ao longo da trama. A rigor, não há nenhum episódio de denúncia de nenhuma espécie; no entanto, é perceptível, por meio do olhar de Maria Alberta, que acontece uma precarização do trabalho desses profissionais, cada vez mais assoberbados de trabalho, porque, em cada vez menor número dentro da clínica, a situação só piora com o início da pandemia de COVID-19.

Em especial, chama atenção a trama que gira em torno de Lylimunde, uma adolescente do Pará com perfume a bergamota, que

ganha o coração e a preferência de Dona Alberti, em uma relação quase maternal. Lilimunde ainda é menor de 18 anos, mas teve seus documentos falsificados pelo pastor de sua igreja para poder ingressar e trabalhar em Portugal. Como pagamento, entrega ao pastor quase tudo o que ganha com o trabalho no Hotel e, por isso, vê-se obrigada a uma estafante jornada dupla, auxiliando o dono de uma padaria, além das atividades no lar de idosos. Apesar dessa condição, a garota paraense traz para a vida de Alberti momentos de alegria e leveza, atitude típica de quem, no Brasil, aprendeu a ser feliz com muito pouco e a ser grato pela vida de exploração a que se submete desde sempre.

Misericórdia apresenta ao leitor uma narrativa densa, muito bem construída, que desperta reflexões importantes não apenas sobre o sentido da vida na velhice, mas, principalmente, sobre todas as coisas que ignoramos a respeito de como pensam e se sentem os mais idosos. Lídia Jorge conseguiu, uma vez mais, construir um rico panorama da condição humana e, em particular, de uma fase da vida que, via de regra, evitamos olhar, por equivocadamente associá-lo a um desfecho melancólico do que foi uma vida plena. Se há uma grande lição que se aprenda neste romance, é a de que a vida nunca *foi*, tampouco *será*. Ela sempre *é*, até o último segundo.

RECEBIDO: 19/05/2023 APROVADO: 24/05/2023

REFERÊNCIAS

JORGE, Lídia. *Misericórdia*. Lisboa: Dom Quixote, 2022.

JORGE, Lídia. Entrevista a Luís Ricardo Duarte. *Jornal de Letras, Artes de Ideias*. Lisboa, Ano XLII, n. 1358, p. 8-10.

REAL, Miguel. “Exílio”. *Jornal de Letras, Artes de Ideias*. Lisboa, Ano XLII, n. 1358, p. 10.

MINICURRÍCULO

MAURO DUNDER é Doutor em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo, Professor Adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da mesma universidade. Líder do grupo de pesquisa *Linguagens, Feminismos e Estudos de Gênero* (CNPq) e coordenador do GT *Literatura Portuguesa* da ANPOLL.